Entrevista | SALETE CAVALCANTI, além das fronteiras[1]

Arlindo J. de S. Neto[2]
Sandro Soares[3]

Fomos recebidos pela Prof.ª Drª Salete Cavalcanti no dia 30 de junho de 2015, numa tarde chuvosa, no 12º andar do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFPE. Salete nos acomodou em sua sala com alegria e disposição contagiantes, numa mesa redonda, ao lado de três grandes estantes de livros que versam sobre as Ciências Sociais e Humanas e uma parede repleta de quadros que pontuam sua trajetória acadêmica. Numa entrevista agradável, Salete Cavalcanti relatou fases e acontecimentos relevantes da sua trajetória acadêmica. Para além das fronteiras acadêmicas e regionais, Salete relata suas impressões sobre a antropologia e a sociologia no Brasil em sua vida. Esperamos que esta entrevista inspire a todos nós, jovens ou veteranos antropólogos.

***

Fotos por Camila Meneghini

R.E.I.A *– Então... a senhora fez a graduação na Universidade Federal da Paraíba, o mestrado em Antropologia no Museu Nacional-UFRJ e o doutorado em Manchester, na Inglaterra. Achamos interessante essa trajetória de estudar no nordeste, ir para o Rio, depois ir estudar na Inglaterra e voltar para o nordeste. Como foi estudar no nordeste, na década de 70 durante a ditadura, passar pelo Museu Nacional, considerado um expoente na época, e estudar em Manchester? O que significou essa trajetória?*

Salete Cavalcanti – Significou uma história particular, uma história também das instituições. Na Paraíba, quando eu fiz a graduação, o que existia era o curso de Sociologia Política. O curso não se chamava Ciências Sociais, só quando foi reconhecido como curso é que ele passou a ser chamado assim. Eu terminei em 1971 quando eu colei grau. Foi uma história particular, porque o curso era de Sociologia

[1] Agradecemos imensamente à Professora Salete Cavalcanti pela atenção.

[2] Cientista Social, Mestre em Antropologia e Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE e membro do NERP- Núcleo de Estudos das Religiões Populares.

[3] Cientista Social e Mestrando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE e membro do NERP- Núcleo de Estudos das Religiões Populares.

Política, nós tínhamos professores da SUDENE[4], que lecionavam disciplinas, como a de economia política, um professor que era formado na Bélgica que dava aula de sociologia internacional, tínhamos outro professor que era holandês que lecionava sociologia industrial. E eu também tinha uma professora de antropologia, que foi minha professora o tempo inteiro, a única professora de antropologia do curso. Então ela foi professora de antropologia física, antropologia I, II e III. Eu também fui monitora de antropologia e de economia.

Quando eu estava no segundo ano do curso, eu participava do diretório, eu era tesoureira. Mas ele foi dissolvido entre 68/69 e o presidente e o vice-presidente foram caçados da Universidade, mas o secretário e eu escapamos. E quando o presidente e o vice-presidente receberam ambos uma carta dizendo que eles foram caçados, eles foram à noite na minha casa, para me buscar e informar o que havia acontecido, embora ambos não soubessem dizer se meu nome estava na lista. E fomos passar na secretaria da Universidade para pegarmos alguma informação, saber se meu nome estava nessa lista. Mas não, não estava. No outro dia de manhã quando eu cheguei em casa, fui avisada de que o diretório havia sido fechado. Era um momento muito crítico. Nesse contexto, eu conheci a minha professora de antropologia que havia participado de um curso para formação de antropólogos no Museu Nacional e de um curso de especialização em arqueologia, na França. Era uma formação muito rígida, a disciplina era um ano. Hoje nós temos uma relação muito rápida com os professores, um semestre a disciplina acaba. Então eu tive uma oportunidade de ler muita Antropologia. Ela tinha uma ideia de incentivar a leitura dos clássicos da Antropologia, eu me interessei e ela ficou contente porque tinha alguém se interessando pela Antropologia. Os alunos se interessavam pela Sociologia, pela Psicologia. Mas naquela época, os alunos não tinham interesse pela Antropologia, ela ainda tentou formar um grupo de alunos.

Em 1969, Roque Laraia foi convidado para dar um curso de especialização na UFPB, e como eu gostava de estudar os sistemas de parentesco, eu fui apresentada a ele por essa professora de antropologia que me acompanhou. E mesmo eu sendo da graduação, eu assisti o curso que era justamente sobre organização social e parentesco. Desse contato com o Laraia, eu fui durante as férias fazer outro curso na UNB. Passei três meses lá. Tivemos como tutor do curso o Júlio Cezar Melatti. Então eu fui

[4] Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, com sede no Recife-PE, e vinculada ao Ministério da Integração Nacional.

conhecendo vários dos novos antropólogos, como George Zarur. Eu me lembro que ele estava saindo para o campo, e eu achava aquilo tudo muito especial. Como eu era da graduação eu pensei: “Poxa, assim vai ser comigo um dia”. Então, alguém da graduação participar desses cursos que presavam formar urgentemente novos antropólogos e ainda sair daqui do Nordeste para ir estudar lá, não era nada normal. Foram três meses estudando as etnografias clássicas. Muitas no original. Eu também já havia lido algumas.

Também por causa dessa minha professora, eu também vim para o Recife assistir algumas aulas de David Maybury-Lewis. Eu levava cinco horas para chegar aqui. Eu pegava um ônibus, chegava aqui, assistia e voltava para lá, porque eu tinha aula na UFPB. Os professores lá, eram muito exigentes também. Nessa época o David deu aqui na UFPE um curso sobre estruturalismo. Havia um apoio da Fundação Ford, o programa de Sociologia daqui e a Antropologia do Museu Nacional foram apoiados.

Bom... eu terminei a graduação já num impasse. Eu fiz a seleção para o Museu Nacional, mandei a proposta. Naquela época o Roberto Cardoso de Oliveira era o diretor do Museu, e ele veio aqui para UFPE realizar uma palestra. Por isso, ele acabou fazendo minha entrevista da seleção aqui. A entrevista era a primeira fase. E eu só soube que estava selecionada para a outra fase da seleção, no final do ano. Foi quando eu recebi um telegrama, para fazer o restante da seleção. A seleção, nessa época, foi composta de sete trabalhos, durante sete semanas. A cada semana eles davam um tema e a gente trabalhava e entregava o trabalho. Eles nunca mais repetiram esse processo, porque é muito trabalhoso para todo mundo. E além desses trabalhos, também tinha uma prova. Naquela época era bastante concorrido. Era algo como cinco vagas para mais de quarenta candidatos. Foi um processo bem difícil para mim, porque não existiam bibliotecas. Quais os livros eu iria levar? Quais os livros eu ia precisar? Eu tinha que procurar os livros no Rio. Um dos livros foi *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, do Celso Furtado. Era um livro difícil de encontrar. Eu acabei encontrando na Biblioteca do Itamarati. Quando eu encontrei o livro, ele não podia sair da biblioteca. Então eu passei o dia lendo lá. No final do dia eu perguntei a bibliotecária: “eu queria levar esse livro, porque eu preciso preparar um trabalho para amanhã”. Aí a bibliotecária disse: “não, não pode. É o último minuto, eu estou saindo agora”. Eu disse: “Olhe, amanhã de manhã antes de você chegar, eu estarei aqui com o

livro". Eu acho que ela se compadeceu de mim porque ela disse: "Certo, está certo". E foi o que aconteceu. Antes de abrir, eu já estava lá para devolver o livro, e ninguém ficou sem usar.

O processo foi tão rígido que eles resolveram selecionar treze pessoas para essa turma. Eu lembro que quando eu fui olhar a lista dos aprovados, eu olhei de longe e pensei: "vai ser difícil ali, naquela lista", porque a lista era pequena e meu nome é bem grande. "Aí bom, vou chegar mais perto para ver". Eu olhei de longe e só tinham nomes pequenininhos. Mas quando eu cheguei perto, eles tinham colocado J. S. B. Cavalcanti. Bem, meu nome estava lá.

Daí fui morar no Rio, e foi toda uma mudança grande, outra experiência. Também tinham colegas de vários lugares, tinham argentinos, tinha a Beatriz Heredia, o Martin Ibáñez, que são antropólogos conhecidos e que eram meus colegas de turma. Nós éramos a terceira turma do Museu. Meu orientador foi Roberto DaMatta. Eu comecei com Alcida Rita Ramos, quando eles foram fundar a pós-graduação em antropologia de Brasília, a Alcida queria que eu fosse para Brasília, mas eu falei não. Eu não quis ir, seria a primeira turma em Brasília. O Museu já tinha certo reconhecimento e eu estava gostando do curso.

R.E.I.A *– A relação com os professores era boa?*

S. C. – Eu fui estudar com os professores que eu tinha lido os livros. O Roberto DaMatta, a Alcida, o Castro Faria. Todo mundo temia o Castro Faria, porque ele reprovava. E eu me senti intimidada de trabalhar com Castro Faria. Mas eu disse: "eu quero trabalhar com o Castro Faria", porque ele era um bom professor, ele tinha uma excelente biblioteca no Museu, ele era muito exigente. Eu fiz um curso com ele, foi basicamente um curso de antropologia econômica, eram sistemas tribais latino-americanos. E no fim do curso, o meu trabalho foi sobre a influência de grupos familiares nas empresas modernas. E eu me sai bem. O Castro Faria escreveu no trabalho o que ele gostou, o que ele achou. Mas o que eu aprendi com isso, foi a questão da disciplina. Desde a graduação os professores falavam isso e eu levei a sério.

Eu fiz outros cursos também, teve um com o Otávio Velho, o Gilberto também, a Alcida e Neuma Aguiar, que foi sobre Durkheim. Depois eu fui fazer trabalho de campo, e nessa época nós tínhamos 4 anos para fazer mestrado. E como eu passei no concurso para a Federal da Paraíba, então eu fiquei longe. E aí eu escrevia para o Matta:

"Olha, eu queria saber como é que eu estou indo com a dissertação". E eu lembro que uma das coisas que o Matta me respondeu numa das vezes foi: "Devagar, sem pressa, que o mundo é todo seu". O Que foi uma coisa legal, porque eu não sabia como os outros estavam indo. Eu estava longe, não sabia. Na minha banca foi o Matta, o Gilberto Velho e Francisca Scherer. Daí eu fiquei na Paraíba, dando aula. Eu dava muita aula, porque naquela época era importante para a Universidade ter professores com mestrado. Então eu fui uma das primeiras do departamento. E meus colegas tinham sido todos os meus professores da graduação.

***R.E.I.A** – E o doutorado em Manchester?*

S. C. - Inicialmente eu não iria para Manchester, eu tinha sido aceita por Godelier, e ia para França. Sempre tinha sido minha paixão ir estudar lá, eu já tinha estudado na Aliança Francesa, já tinha a língua preparada para ir pra França. E eu queria estudar com Godelier. Eu já tinha até a carta do Godelier me aceitando no doutorado. Foi quando eu me inscrevi no programa de bolsas da Capes. Como podia colocar uma segunda opção quando fazia a inscrição, eu coloquei Manchester. Aí a Capes me aprovou, mas apenas se eu fosse para à Inglaterra, desenvolver meu projeto lá. Alegaram que já tinham muitos brasileiros lá na França. Eu fiquei desmotivada de ir, mas foi quando teve aqui em Recife aquela famosa Reunião de Antropologia[5]. Nessa reunião eu encontrei Peter Worsley, que estava então em Manchester. Nós conversamos e eu mandei meu projeto para o Peter. Daí eu fui aprovada para o doutorado lá. Mas quem foi meu orientador foi Bryan Roberts, porque o Peter se aposentou.

Bem... eu terminei e voltei para a Paraíba e fui ser coordenadora da graduação em Ciências Sociais. Ah, quando eu fui coordenadora, eu fui à Capes e lá tinha um curso chamado PET para a graduação; eu perguntei o que era, lá eles me explicaram, mas disseram que alguém da Universidade mandou voltar porque achou muito elitista e devolveu. Eu deixei meu nome lá e quando abriram novamente, a Capes me informou. E ficou como meu tributo à antropologia, porque é um dos únicos programas PET que é só de antropologia. Depois eu fui fazer pós-doutorado em Madison, tive uma bolsa Fullbright, passei um ano, e foi quando começou essa minha fase de internacionalização da agricultura e também sobre a globalização dos alimentos.

***R.E.I.A** – E como se deu a relação com a UFPE?*

[5] XI Reunião de Antropologia, em 1978.

S. C. - Foi quando eu me aposentei da UFPB, na Paraíba. Eu fui convidada para vir para cá, por Roberto Motta. O pessoal daqui da sociologia estava estruturando o doutorado em sociologia. Precisavam de professores visitantes, inicialmente eu não queria fazer concurso, mas abriram concurso aqui para antropologia, mas ninguém se candidatou. Aí abriram uma segunda vez, mas viram que não ia ter ninguém. Então Mabel me chamou, e eu fiz o concurso. Depois com a atual conjuntura e por meu doutorado ser em sociologia e eu também ser conhecida nacionalmente pela sociologia, por ter uma relação com a SBS, houve esse desmembramento.

***R.E.I.A** – Nesse sentido, como você observa a relação entre sociologia e antropologia? Porque você é um exemplo ímpar dessa relação de diálogo. Hoje, as fronteiras entre as duas disciplinas são rígidas?*

S. C. – Eu continuo sempre dizendo o seguinte: você tem que saber de onde você fala, de onde você olha o mundo. Então, quando você vai falar tem que ter isso em mente. Eu lembro um pouco do que eu dizia a Vânia[6], ela foi minha orientanda e fez doutorado aqui na sociologia. E eu sempre falava a ela: "Vânia, você vai defender sua tese em sociologia, você faz sociologia. Então na sua tese, a gente vai trazer os clássicos da sociologia, vamos trazer as contribuições da sociologia". Diz ela, que quando eu apresentei a banca eu disse: "vamos agora para a banca de doutorado em antropologia". Mas de qualquer maneira, eu acho que é isso. Hoje é bastante clara essa diferença na formação e, claro, temos que fazer um diálogo. Não pode é não ter compromisso com nada. Você tem que dizer de onde está falando.

Também eu acho que essa relação está na minha história e na própria história da antropologia no mundo. Porque Manchester era o centro da antropologia no mundo, tinha um departamento. E a sociologia era a dissidência. A sociologia que se formou lá foi a dissidência do departamento de antropologia. Peter Worsley e Bryan Robert eram antropólogos, mas estavam todos no departamento de sociologia. Justamente porque eles resolveram no departamento se livrar do que eles chamavam do "fantasma de Gluckman"; porque todo mundo só queria estudar os mesmos grupos, as mesmas coisas. Então, o pessoal que queria estudar América Latina e outras coisas, tinham que ir buscar em outros lugares, daí eles resolveram formar o departamento de sociologia.

Mas o fundamental é o respeito acadêmico, eu acho isso muito importante,

[6] Vânia Fialho, Profª Drª associada à Pós-Graduação em Antropologia da UFPE.

independente das diferenças. Acho que as pessoas têm que ter com os outros, porque as disputas são momentâneas. Temos que preservar uma convivência acadêmica bacana, entre pessoas que podem discutir questões, ideias, métodos, teorias, o que for, mas as pessoas estão salvas. E manter a felicidade dos encontros.

R.E.I.A*- Salete, você já teve mais de quarenta orientados de mestrado, alguns mais de doutorado, ministrou inúmeras aulas. Queríamos saber, no Brasil dá para fazer linhagens?*

S. C. - Eu tenho muito essa coisa da liberdade. Eu tenho uma orientanda que me escreveu um e-mail falando sobre o prêmio. Ela escreveu: "minha eterna orientadora". Aí eu disse: "desgruda, você já é independente, vá lá". Mas claro, não há como você falar de sua carreira, de sua história sem se referir aos professores da sua vida. A gente falando aqui agora sobre minha graduação, é claro que eu vou lembrar da minha orientadora que continua sendo essa pessoa que me mostrou a antropologia. Também quando eu falo do Matta ou do Bryan. Uma vez eu encontrei o Bryan na Noruega, tinha um encontro e nós começamos a conversar, e ele me contou sobre esse tempo em Manchester. E como ele era professor ele sabia mais, eu era aluna apenas. E ele falou num dado momento: "eu recebi esse presente que foi você como orientanda". Eu fiquei surpresa e disse: "Bryan, passaram tantos anos e eu achava sempre que eu era a que cheguei depois". Ele sempre foi excelente, era uma pessoa presente, e eu sempre achei que eu dava trabalho a ele.

***R.E.I.A** – Como você observa hoje a antropologia brasileira? É uma antropologia periférica? Essa adjetivação serve?*

S. C. - Não, eu não consideraria a antropologia brasileira periférica. Eu lembro de uma mesa num evento[7] aqui do PPGA que falou sobre os rumos da antropologia, eu estava conversando depois com o Gustavo Lins, e ele lembrou que nós dois saímos pela tangente, porque nós dois falamos de globalização e procuramos outros caminhos e ligações, outra história, por causa de nossos objetos de estudo.

Eu acho sim, que tem muita gente boa, tem boa formação. Temos muitos alunos bons. Os centros de produção de conhecimento aumentaram, tem muita gente produzindo, que também contribui para acabar com essa diferença. Nunca entrei nessa

[7] Seminário Nacional Dialogando Sobre Os Rumos Da Antropologia Brasileira. Local: Recife, 12 a 14 de março, 2012, realização do Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal de Pernambuco.

história de dizer ou considerar nós como os pobrezinhos daqui e eles lá. Não é por aí, acho que a gente vai fazendo, vai chegando. É claro que os obstáculos existem, mas é diferente. Antes era mais difícil, mas hoje você vai para um lugar novo, muitas vezes, seu orientador conhece gente de lá. Difícil é quando você vai só.

***R.E.I.A** – E o prêmio[8], ficou feliz com a notícia?*

S. C. - Claro, fiquei sim. Mas é uma consequência, é um pouco disso. É claro que isso é uma coisa rara, raríssima. É um prêmio que tem um pouco uma história, faz tempo que eu trabalho com essa professora da argentina, com quem eu escrevi o artigo. Nós já havíamos escrito outros artigos juntas, não é de agora. Mas eu estou dizendo isso, porque na nossa área não tem muitos prêmios, nem eu sabia desse prêmio, na realidade. Tem a questão do amadurecimento também. É um prêmio que escolhe os melhores de várias áreas.

Eu digo que nossas recompensas são muito simbólicas. Muitas vezes, é um certificado. Quando eu recebi o e-mail informando, eles diziam para os ganhadores divulgarem que ganharam. É claro que disseram de modo formal, são ingleses, acabam sendo formais. Também fiquei feliz pela minha colega da Argentina. Para ela também foi bom, ela está agora numa fase não muito boa, está com problemas de saúde. Achei que isso foi muito bom, é um reconhecimento, não só para mim, mas também para a Universidade. A diretora da minha área no CNPQ ficou felicíssima. Geralmente nas Ciências Sociais essas distinções são poucas.

***R.E.I.A** – E esses trabalhos burocráticos no CNPQ, na Capes, na SBS? Como é que é? Faz parte do ofício?*

S. C. – Faz parte do ofício. Eu normalmente aceito esses cargos, mas só aceito uma vez. Só aceito novamente depois de muitos anos, porque é uma função. Não é fácil. Não é fácil julgar. A comissão do CNPQ, por exemplo, você tem o Brasil inteiro, mas tem um número restrito de bolsas, tem poucos recursos. Você tem que fazer o melhor possível, acreditando que você está fazendo com senso de justiça. E fazer o melhor.

Outra coisa também, se você está no campo, como diz Bourdieu, você tem que lutar por mais recursos. Acho que isso é bom, quando a gente está nesse lugar. E também fazer uma distribuição melhor dos recursos. Eu acho que essa é uma das coisas que eu prezo também, é um pouco disso, que a distribuição dos recursos seja feita com

[8] Outstanding Author Contribution in the 2015 Emerald Literati Network Awards for Excellence.

mais justiça, no sentido de tentar compensar as desigualdades, tentar resolver.

Tem um autor que eu gosto e uso na graduação que é Amartya Sem, prêmio Nobel de economia, o livro *Economia da vida e da morte*, onde ele vai dizer isso, que a gente precisa verificar aonde os problemas estão. Observar como os países, os grupos vão distribuir sua renda. Isso para mim é importante de fazer. Então é isso...

Quando eu estive na Capes, na avaliação dos cursos também é dureza. Estar nessas posições não é fácil, é dureza. Eu tenho tido muita felicidade de ter equipes boas. Um dia desses mandaram uma foto de nossa equipe da Capes. É uma equipe boa, de pessoas que trabalham bem, e mesmo que no final meu programa não tenha sido o melhor, eu sei que foi possível ter um senso de justiça... é por aí.

***

Após a entrevista, Salete Cavalcanti nos mostrou alguns dos vários quadros pendurados em uma longa parede de sua sala. Um dos quadros nos chamou a atenção: o único que traz a sua fotografia, única imagem de si, exposta em sua sala.

Salete Cavalcanti, Alemanha, década de 90.